

# CLIPPING

29 de Dezembro de 2019

O Liberal – Panorama, 04 - Economia.

## REAJUSTE

# Novo valor do salário mínimo não terá impacto no consumo

**PAGAMENTO** - Alta de 3,5% cobre apenas a inflação do período de um ano e não há ganho real para o trabalhador

**ELISA VAZ**  
DA REDAÇÃO

O aumento do salário mínimo brasileiro, previsto para o dia 1ª de janeiro, não deve ser suficiente para aumentar o poder de compra dos cidadãos paraenses e nem suficiente para que o consumidor adicione novos produtos ou itens mais caros à sua casa. É o que acredita o economista André Cutrim. O valor vai passar dos atuais R\$ 998 para 1.031, uma alta de 3,5%, seguindo o reajuste inflacionário, sendo que a previsão era de 4% para R\$ 1.041.

Segundo o especialista, qualquer previsão de impacto positivo é vista com receio pelos representantes do setor econômico, porque não há ganho real para os consumidores, já que o reajuste do salário segue a mesma alta da inflação. Na opinião de Cutrim, não adianta aumentar o ganho do trabalhador se o custo de vida permanecer elevado.

“Nosso país vivencia uma gangorra, onde o nível de desemprego aumenta e cai constantemente. Nessas condições, o ideal seria criar parâmetros necessários para que o aumento do salário fosse um aumento real, e não uma alta ilusória. Isso vai criar uma falsa ideia de que os brasileiros, sobretudo as classes mais humildes, terão poder de compra, o que sabemos, com base no passado, que não ocorre”, explica.

Além disso, o economista destaca que boa parte dos produtos que fazem parte da alimentação dos paraenses, como arroz, manteiga, leite e carne bovina, já tiveram ou ainda devem sofrer aumento até o início do ano. “Claro que qualquer adicional no mínimo é útil, mas, para os consumidores, vejo esse valor com

muita preocupação, já que também há incremento significativo no preço dos produtos. O novo salário não é suficiente para adicionar itens melhores na cesta básica”.

## CONTAS

A vendedora Emanuelle Silva, de 22 anos, enxerga com bons olhos o reajuste, mas acredita que não trará grandes mudanças para a sua rotina. Ela é acadêmica de publicidade na Universidade da Amazônia (Unama) e subgerente de um quiosque em que é vendido guaraná da Amazônia, onde trabalha desde setembro.

Emanuelle já está inserida no mercado de trabalho há pelo menos quatro anos, ganhando um salário mínimo. “Atuo com vendas há algum tempo. Meu primeiro emprego foi em um shopping, fui contratada para uma vaga temporária para o Natal quando tinha 18 anos e logo depois fui chamada para ser efetiva. Pedi demissão da loja recentemente para entrar na empresa onde trabalho atualmente”, relembra.

Em sua experiência, os reajustes ajudam, mas não o suficiente, por conta de outros aumentos no mesmo período. “Um exemplo claro é a minha faculdade. Todo ano o valor cresce, e não apenas isso, as compras de supermercado também, o gás acabou de ter reajuste. É complicado, porque aumenta o seu salário, mas você acaba usando o valor para pagar coisas que você já pagava, mas com preços mais altos. Não faz tanta diferença”, declara a vendedora.

Por outro lado, o economista André Cutrim afirma que o Estado enxerga o reajuste como uma oportunidade importante

para alavancar a economia, porque contribui com a redução do desemprego, especialmente nas faixas com rendimentos mais baixos. Ele acredita que existe uma tendência de criar efeito macroeconômico expansivo na economia brasileira, porque o novo valor vai mexer com a variável do desemprego e principalmente com o consumo dos trabalhadores.

O recuo do governo federal de R\$ 1.041 para R\$ 1.031 não foi uma surpresa, de acordo com o especialista. “O ministro da economia, Paulo Guedes, já havia alardeado que qualquer tipo de aumento do salário mínimo acima da inflação só ocorreria a partir da

Marituba e trabalha na rua dos Mundurucus, em Belém, então, como não há condução de transporte público em sua rua, diariamente, precisa pegar um mototáxi até a BR, no valor de R\$ 4. De lá, paga R\$ 3,60 em uma passagem de ônibus até a universidade.

Após a aula, Emanuelle pega outro ônibus, de R\$ 3,60, até o trabalho, e mais um pelo mesmo valor para voltar para a BR. Chegando lá, vai de mototáxi, por R\$ 4, até sua casa. No total, o gasto é de R\$ 18,8, mas a empresa concede um vale-transporte com duas passagens de ônibus por dia. Calculando os R\$ 11,60 diários, a vendedora gasta R\$ 58 por semana e cerca de R\$ 232 por mês apenas com transporte. “Preciso valorizar todo dinheiro que recebo, então esses R\$ 10 seriam úteis”, destaca.

Cutrim acredita que é preciso reduzir o nível de incerteza econômica. “Precisamos pavimentar um caminho com segurança suficiente para que os empresários possam investir novamente, isso não é diferente nas pequenas e médias empresas, todo empresário sofre com essas medidas de aumento no salário mínimo porque, em um ambiente de incerteza e de tentativa de recuperação, é desejável não ter custos decorrentes desse aumento salarial”, diz.

No entanto, ele adianta que o Brasil precisa combater a desigualdade entre salários, sobretudo porque isso influencia na divisão dos níveis de rendimento do trabalho e do capital dentro do setor empresarial. “Acho que isso terá um impacto positivo no momento em que essas empresas entenderem que o momento atual exige sacrifício para que tenhamos equilíbrio”.

**Aumentos  
nos preços de  
produtos como  
gás de cozinha  
e alimentos  
corroem  
rapidamente o  
reajuste**

aprovação das reformas em curso. É preciso entender que o tempo da política é diferente do tempo da economia, e é preciso ir além desse factual porque, enquanto se discute aprovação de reformas fiscal, administrativa e tributária, existe uma grande quantidade de pessoas desempregadas no país, que precisam de medidas emergenciais para a economia”, argumenta.

Para Emanuelle, os R\$ 10 extras por mês fariam mais diferença no orçamento familiar, já que seu salário serve para complementar a renda da família. Apenas de transporte, a trabalhadora gasta R\$ 11,60 por dia. Ela mora em